

# VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Flavio Biasutti Valadares<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Pós-Doutorado em Letras/Mackenzie-SP, Doutorado em Língua Portuguesa/PUC-SP, Docente do IFSP/Câmpus São Paulo, Coordenador do Ciclo de Oficinas, Ministrante da Oficina

## RESUMO

O relato de experiência apresenta a oficina Variação Linguística no Português do Brasil, ministrada em 28 de outubro de 2016 no projeto *Ciclo de Oficinas para Hispânicos*, dentro da ação extensionista **Língua e cultura brasileira para hispânicos**. Expõe o processo desenvolvido ao longo do trabalho com participantes hispanofalantes. Explicita o modo como a sequência de conteúdo foi abordada, a fim de que se obtivesse o cumprimento do objetivo da oficina: mostrar o funcionamento das variações linguísticas em uso no Português do Brasil.

**Palavras-chave:** Variação Linguística. Português do Brasil. Hispanofalantes.

## ABSTRACT

*The experience report presents the Workshop on Linguistic Variation in Brazilian Portuguese, that happened on October 28, 2016 in the Cycle of Workshops for Hispanics, within the extension action Brazilian language and culture for Hispanics. It exposes the process developed throughout the work with Spanish speakers. It explains how the content sequence was approached in order to achieve the purpose of the workshop: exposing the linguistic variations in use in Brazilian Portuguese.*

**Key words:** Linguistic Variation. Brazilian Portuguese. Spanish speakers.

## INTRODUÇÃO

Em 2016, como parte do Ciclo de Oficinas para Hispânicos, ministrei a Oficina n. 8, que tratou da variação linguística no Português do Brasil, e teve como público hispânicos. Na oficina, foram expostos alguns fatos linguísticos tipicamente do uso da língua portuguesa por brasileiros, como forma de mostrar aos hispânicos participantes a real maneira como os brasileiros utilizam certas estruturas linguísticas, a fim de que os participantes pudessem perceber o funcionamento cotidiano da linguagem e, assim, tivessem maior entendimento disso tanto para as interações as quais realizassem em seu dia a dia quanto para observarem que, muitas vezes, tal percepção poderia levá-los a interações com maior qualidade.

Nesse sentido, foram explicados com exemplos de situações reais o uso de vogais abertas e fechadas, a troca da vogal o pelo u e da e pelo i em boa parte das palavras que usamos no Brasil, o l com pronúncia em u, o apagamento de semivogal em ditongos, a inclusão de i em casos como nós na oralidade, o apagamento de r final, as reduções de palavras, as diferenças no uso do tu e do você, o uso do pronome reto na função de oblíquo como complemento verbal, uso do verbo de movimento com preposição em e a colocação proclítica no Brasil.

<sup>1</sup> 8ª Oficina como parte do projeto *Ciclo de Oficinas para Hispanofalantes*, ação extensionista **Língua e cultura brasileira para hispânicos**. SigProj, Edital de fluxo contínuo 2016. Edital SPO n. 25/2016.

É importante destacarmos que se trata de uma ação extensionista amparada no elo entre o IFSP e a comunidade, nesse caso, especificamente, a visão do entorno dos Câmpus São Paulo com sua população hispânica que necessita de ações de inserção identitária. Para além, cumpre com a expectativa de consolidação das relações comunitárias de atividades de extensão que também envolvem ensino e pesquisa, conduzindo ao tripé cogente para a consecução de projetos no âmbito do IFSP.

Também, é importante frisarmos que a extensão, conforme Portaria IFSP 3314/2011, constitui-se em atividade acadêmica que busca articular os segmentos sociais, bem como inclusão social e promoção do desenvolvimento dos envolvidos, em seus aspectos de várias ordens como culturais, artísticos, científicos e tecnológicos. Nesse ponto, é que a oficina ofertada impende os objetivos extensionistas e, por isso, traz a contribuição que extensão-ensino-pesquisa articulam.

Justificada a oferta, passamos a explicar a fundamentação teórica que se ampara nos estudos de Labov, para quem a variação é inerente, regular e, enquanto tal, passível de uma análise linguística sistemática. Como indica Lorengian-Penkal (2004),

*os estudos de Labov não se situam à margem de uma linguística da língua, uma vez que ele considera que esta só tem sentido em um contexto social. Em outras palavras, diferentemente de Saussure e Chomsky, por exemplo, Labov quer buscar a estrutura heterogênea da língua enquanto falada por uma comunidade ou grupo social. Seu foco de interesse não são as formas categóricas da língua, mas as variantes – formas alternativas de se dizer a mesma, permitidas pela própria estrutura da língua e motivadas por condicionamentos externos; Labov quer mostrar a existência e o funcionamento de regularidades na variação, quer mostrar que esta é sistemática e previsível. (LORENGIAN-PENKAL, 2004, p. 70)*

Dessa forma, a Sociolinguística, como salientam Chambers (1995), Monteiro (2000), Mattos e Silva (2002), Camacho (2003; 2013), Mollica (2003), Cezario e Votre (2008) e Gonçalves (2008), trata de evidenciar a heterogeneidade inerente da linguagem, demonstrando que a variação é sistemática, regular e ordenada, além de estudar a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais.

Para Labov (1994), toda língua apresenta variação, que é sempre potencialmente um desencadeador de mudança, existindo imposições socioculturais que contribuem para que determinadas palavras sejam usadas e tenham con-

sequente relevância na comunidade linguística. Ele também mostrou que a mudança linguística não pode ser compreendida fora da vida social da comunidade em que ela se produz, uma vez que pressões sociais são exercidas constantemente sobre a língua, ou seja, a explicação da mudança linguística, em suas palavras, “parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística”. (LABOV, 2008, p. 19)

## **ATIVIDADES REALIZADAS**

Os participantes realizaram algumas atividades práticas. Nelas, identificaram casos dos explicados em placas, em letras de canções brasileiras, em histórias em quadrinhos, em charges e em vídeos. Eles ficaram surpresos com a quantidade de variações e, a partir disso, com a criatividade linguística. Contudo, ressaltaram, em suas falas, que seus países de origem também são assim, mas com a diferença territorial, perceberam o Brasil tem muito mais variação. De fato, as variações no Português do Brasil são muitas, entretanto, resalto que toda língua apresenta variação e que isso faz parte da dinâmica de qualquer língua, como expliquei a eles, dando um tom mais conceitual sobre variação linguística, na perspectiva teórica laboviana.

Na sequência, trabalhamos com exemplos de regionalismos de várias partes do Brasil, com o objetivo de mostrar como a diversidade linguística brasileira é, de fato, vasta. Eles também ficaram instigados com tamanha heterogeneidade linguística entre as regiões brasileiras e perceberam, conforme relataram durante a oficina, o quanto a riqueza linguística no Brasil torna a aprendizagem da língua um pouco mais complexa, ainda que rica. Atentos, acompanharam as exemplificações e demonstraram bastante curiosidade quanto às diferenças. É importante frisar que os regionalismos são estudados por vários ângulos, todavia utilizei a perspectiva lexical, ressaltando os regionalismos cujos significados são iguais com estrutura linguística diferente – tangerina, mexerica, bergamota, por exemplo – e os regionalismos cujos significados estão apenas em uso naquela cultura, fazendo uma ligação com o que o dicionário traz como norma culta.

Depois, foi tratada a parte referente ao uso de gírias, com exemplos de grupos sociais da cidade de São Paulo. Os participantes da oficina ficaram impressionados com a quantidade de gírias e com a criatividade na elaboração conceitual, advindas da organização dos termos/expressões gírias. Demonstraram interesse em aprender e em como usá-las. Houve uma certa dificuldade quanto ao entendimento de em que situações so-

ciolinguísticas determinadas gírias poderiam ou não ser usadas. Nesse momento, precisei recorrer aos conceitos de grupos sociais e de grupos linguísticos, bem como explicar a eles o valor social da língua. A partir disso, ficou claro que as gírias devem ser usadas em situações específicas, normalmente ditas distensas, ou seja, em mais informais/coloquiais.

Como parte da proposta, ainda foi trabalhada uma interface com a situação linguística do país de origem, quando eles relataram como se davam os mesmos processos linguísticos em seus respectivos países: Bolívia, Peru e Cuba. Aqui, houve oportunidade para eles falarem da própria experiência como usuários de variações, explicarem sobre comunidades linguísticas em seus países, bem como explicitaram, mesmo que sem recurso conceitual, aspectos relativos a preconceitos linguísticos.

Para a finalização dos trabalhos, propus a produção de uma história na qual fossem utilizadas as estruturas com variação da língua estudadas durante a oficina. Infelizmente, não houve tempo para o término da atividade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com a execução da oficina foi extremamente importante para eu observar como os hispanos vivenciam a língua no Brasil e conseguem adaptar as variações ao seu cotidiano de trabalho. Pude também entender que tipo de dificuldades eles apresentam para o uso da língua no Brasil e desmistificar uma questão que parece recorrente, principalmente entre hispânicos, que é a do sotaque.

Observada a oficina e os resultados obtidos, por meio do cumprimento do objetivo proposto, é relevante ressaltar a importância deste tipo de ação, a fim de que se possam ser compartilhados conhecimentos com a população-alvo, nesse caso, os hispânicos residentes na cidade de São Paulo. Nesse aspecto, destaco o interesse dos participantes não só quanto às variações da língua propriamente, mas também, e sobretudo, em relação a como eles, vivenciadores cotidianos da língua, querem aprender a usar da maneira mais cooperativa e, com isso, manter interações mais efetivas em seu dia a dia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMACHO, R. G. **Da Linguística formal à Linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.

CAMACHO, R. G. O formal e o funcional na teoria variacionista. In RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs) **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In MARTELLOTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 141-155.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic theory**. Oxford, Cambridge: Blackwell, 1995.

GONÇALVES, C. R. **Uma abordagem Sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no português**. Tese (Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008, 349p.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**. Oxford: Blackwell, 1994. v. 1

LORENGIAN-PENKAL, L. **(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul**. Tese (Doutorado). Curitiba/PR: Universidade Federal do Paraná, 2004, 261p.

MATTOS E SILVA, R. V. Variação, mudança e norma: movimentos no interior do português brasileiro. In BAGNO, M. **Linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceitualização e delimitação. In MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.